

# MEMÓRIAS DE UM EX-COMBATENTE

## 2º TENENTE REFORMADO

### SANTIN SPINOSO

Por Rose Rossi

#### Preâmbulo

O nome do meu pai é Santin Spinoso, nascido em 1º de novembro de 1918. Foi incorporado no 4º Regimento de Artilharia Montada, no dia 03/03/1941, e identificado no 2º R.M no dia 16/05/41.

Guardou a Costa Norte do Brasil ao lado de seu irmão Luiz Nunciato Spinoso, exímio cavaleiro e atirador. Partiu de Itu, rumo ao Norte do Brasil, Maceió, no dia 13/9/1942, pela estrada de ferro sorocabana, às 8h20, chegando em São Paulo às 15h30. Às 22h00 do mesmo dia, o destacamento do 4º RAM deixou São Paulo pela estrada de ferro Central do Brasil, desembarcando No Rio de Janeiro do dia 14/9/42, às 16h30, na estação de cargas da estrada de ferro Dom Pedro segundo, posteriormente denominada estrada de ferro Central do Brasil.

No dia 5/10/1942 embarcou no Navio Almirante Alexandrino, com destino a Recife PE. Navegaram às escuras por sete dias, para evitar ataques alemães, até chegarem no Porto de Recife, em 12/ 10/42, de onde partiram para Maceió AL, no dia 15/10 a uma hora da manhã. A missão da 7ª Divisão de Infantaria e da Artilharia montada, era defender os portos de Recife e Maceió, vigiar todo o litoral, guardando as praias em seus pontos mais vulneráveis como Porto de Pedras, Coruripe, Pontal de Coruripe, Ponta das Pedras, Itamaracá e Tamandaré. Tinham ainda como missão defender o solo, contra os inimigos internos, e todas ameaças que viessem por terra, mar e ar, bem como estabelecer a ligação e o entendimento com o norte, na região de Goiânia, prever a ligação com a 6ª Região Militar na região de Penedo, ao longo do rio São Francisco.

Este livro “Memórias de Um Ex-Combatente”, escrito por mim, é um relato feito por ele, na 1ª pessoa.



**MEMÓRIAS DE UM EX-COMBATENTE**  
**2º TENENTE REFORMADO**  
**SANTIN SPINOSO**



**PERFIL E TRAJETÓRIA**

**FILIAÇÃO**

Meu nome é Santin Spinoso, 2º Tenente do Exército Brasileiro, ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, aquartelado no Regimento Deodoro, na cidade de Itu, São Paulo, Brasil.

Sou natural de Itu, nasci no dia 1º de novembro de 1918, no seio de uma família de pobres imigrantes italianos, que vieram ao Brasil para viver o sonho "América". Defendi minha Pátria ao lado de meu querido irmão Sargento Luiz Nunciato Spinosi.

Minha família, a "Família Spinosa", conhecida em Itu, teve origem quando meus pais decidiram deixar seu país Itália, para fugir da grave crise econômica que o assolava.

Meu pai se chamava Giovanni Rocco Spinosa e era filho de Giuseppe Rocco Spinosa e Vincenza Membola. Minha mãe, Filomena Grassi, filha de Angelo Raffaele e Caroli Vita, agricultores, ou "contadino".

Casaram-se no dia 17/07/1900, às 11h15, em San Vito Dei Normanni.



Meu pai nasceu na Província de Lecce, em 15/08/1875 e minha mãe, em 05/07/1880, ambos em San Vitto Dei Normanni.

Em 1901, meus pais deixaram a Itália, na esperança de uma nova oportunidade de vida, com mais regalias e menos pobreza. Deslocaram-se de uma cidadezinha chamada San Vito Dei Normanni, Brindisi, Província de Lecce, localizada ao sul, na região de Puglia, com destino à Napolis. Cresceram e viveram nessa cidade, até se conheceram e se casarem.

Embarcaram no Navio Aquitaine, no dia 29/06/1901, e chegaram ao Porto de Santos em 31/07/1901. Com eles, veio também meu irmão mais velho, Giuseppe Spinosa, com 13 meses de idade.

O Navio "Aquitaine" era um vapor francês de 1988 toneladas, construído pela SGTM (Sunderland Shipbuilding Co.) da Inglaterra, à pedido da Socièté Générale de Transports Maritimes a Vapeur de Marceille. Fazia a linha entre Europa-América do Sul, com destinos finais, Rio de Janeiro e Santos (Brasil), e Buenos Aires, Argentina. O navio, apesar de ser a vapor, possuía dois mastros, uma chaminé e velocidade média de 12,5 nós marítimos. Em 1908 foi comprado pela France-Amerique Line e, em 1907 foi afundado na França.

Meus pais enfrentaram o calor, o pouco espaço dos porões, sem janelas, sem luz, espremidos por entre as pessoas.

Ao desembarcarem em Santos, foram encaminhados ao trem da São Paulo Railway, que fazia a linha Santos-Jundiaí, cujas portas foram trancadas, e abertas somente na estação da Hospedaria do Imigrante, atual Memorial do Imigrante (Brás-São Paulo), onde permaneceram de 3 a 6 dias para fazerem o Cadastro da Imigração, exames, contrato de trabalho, tomar banho, tratar os dentes e cortar os cabelos.

Depois seguiram rumo ao novo lar que lhes foi designado, na cidade de Salto, interior de São Paulo, para trabalhar como lavradores na fazenda do Sr. Luiz Miggilli. Mais tarde, foram para Itu, onde meu pai trabalhou como operário da S/A Fábrica São Luiz, na seção de fiação, admitido no dia 14/09/1930.

Eu e meus irmãos somos brasileiros, nascidos em Itu, com exceção do primogênito, Giuseppe Spinosa, que é de Brindisi, Itália.

Desse casamento nasceram: Giuseppe Spinosa, Maria vita Scutieri (solt. Spinosa), Ângelo Spinosa, Maria Polisel (solt. Spinosi) Vicencina de Camargo (solt. Spinosa), Luiz Nunciato Spinoso, Engracia Spinosa Zenaro, Salvador Spinosi, Ana Spinosa gonçalves Lopes e eu.

A divergência da vogal final nos sobrenomes da família deve-se, segundo alguns, à má articulação de meu pai na hora de nomear os filhos no Cartório de Registro civil. Para outros, as mulheres eram registradas como Spinosa, por serem do sexo feminino.

A família toda trabalhava de alguma maneira. Alguns de meus irmãos e irmãs eram operários nas fábricas da cidade. Minha irmã Ana, era modista e costurava para fora. Meu irmão Luiz e eu, no entanto, é que mantínhamos a estabilidade econômica da família, com nossos vencimentos.



Apesar das necessidades, éramos unidos, alegres e com dons musicais. Cantávamos, dançávamos e tocávamos vários instrumentos.

Nossas reuniões familiares aconteciam aos domingos, com ares de festa, apesar da situação financeira precária. Tínhamos sempre uma bela macarronada, acompanhada de um queijo forte e perfumado e um delicioso vinho, para dar um toque especial aos nossos almoços. Falávamos todos ao mesmo tempo, gesticulávamos muito, ríamos e nos enternecíamos, quando meu pai pegava o violão e junto com minha mãe cantavam cantigas de além-mar, com vozes tão plangentes que tocavam nossos corações.

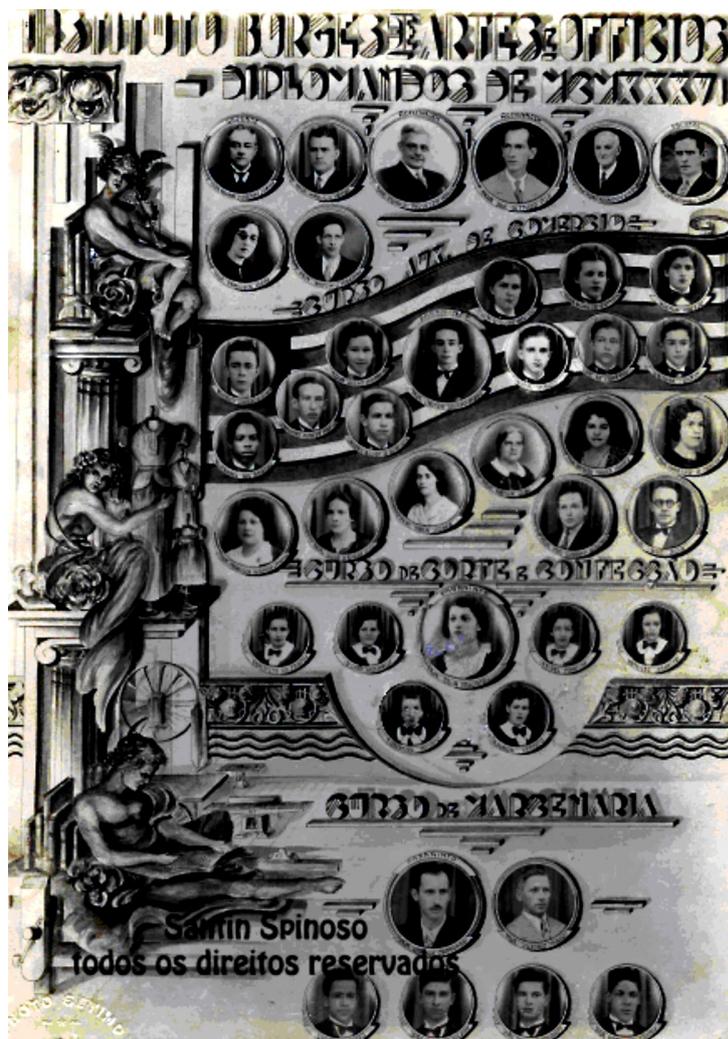
Cada um então, tomava seu instrumento e tínhamos uma tarde inesquecível.

As canções italianas os transportavam para a terra Natal. Era a maneira que encontravam de voltar às raízes e matar as saudades dos pais, irmãos, parentes e amigos que deixaram na Itália e, que infelizmente nunca mais puderam encontrar.

Eles viveram em Itu, até o fim de seus dias. Meu pai faleceu no dia 7 de fevereiro de 1956 (com a idade de 80), às 15h, e minha mãe no dia 11 de outubro de 1956 (aos 76 anos de idade), às 16h, ambos de Hemorragia Cerebral, atestada pelo Dr. Hélio Chierighini, conhecido médico ituano. Ambos estão enterrados no Cemitério Municipal de Itu. Sou o único filho vivo do casal.

## FORMAÇÃO

Estudei em escola pública, onde além aprender podia comer um lanche reforçado, o que me deixava saudável e ajudava na economia da casa. Fiz o Curso de Auxiliar de Comércio no Instituto Borges de Artes e Ofícios (Itu-SP).



A música sempre foi uma constante em minha vida. Meus irmãos e eu nascemos com esse dom. Desde pequenos éramos incentivados a tocar algum instrumento.



Ainda adolescente, matriculei-me também no curso de música que o Instituto Borges oferecia e, em pouco tempo integrava a Orquestra Filarmônica de Itu, onde tocava violino, meu instrumento predileto.



Quando pequeno, sem recursos para instrumentos, meu irmão Ângelo Spinosa, que era muito habilidoso, confeccionou um violino para mim, com um pedaço de madeira para sustentar as cordas, e um cone feito de lata para amplificar o som. Ficou muito bom! Com ele toquei músicas maravilhosas.



Além da música erudita que praticava na orquestra, eu era integrante de um grupo de música popular intitulado “ Regional Irmãos Spinosi ” , que era formado por meus irmãos Luiz Nunciato Spinosi (Luizinho, sargento, que seguiu comigo para a Guerra), Salvador Spinosi ( barbeiro ) e por mim, e de um outro, com parceria de amigos.



Nesse grupo eu tocava violão, cavaquinho, Banjo e violino; Luizinho violão e Salvador violão baixo e pandeiro. Fazíamos sucesso na época. Participamos de inúmeros shows de rádio, acompanhando cantores famosos como Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Dircinha Batista, Linda Batista, entre outros.



## EXÉRCITO

Alistei-me no Exército e fui incorporado no 4º Regimento de Artilharia Montada, no dia 03/02/1941, e identificado no 2º R.M. no dia 16/05/1941, na cidade de Itu, onde fiz carreira militar. Meu irmão, Luiz Nunciato Spinoso, já era Cabo, quando entrei no exército. Fazia equitação e se destacava entre os colegas de farda, e era um exímio atirador.

**Sargento Luis Nunciato Spinoso**  
**Ex-Combatente - Segunda Guerra Mundial**



Gostava de estar ali, sentia orgulho de minha farda e de permanecer a serviço do meu país. Aquela era minha oportunidade de ser útil, ter uma vida digna e um trabalho honrado. Com essa visão, dedicava-me totalmente às minhas funções, e realizava com capricho qualquer trabalho que me fosse designado, sem que a posição que ocupasse interferisse na minha conduta.

Minhas atividades iniciais eram limpar as baias dos cavalos e recolher os dejetos dos mesmos. Confesso não ser aquele um serviço dos melhores, no entanto, era minha obrigação e eu executava com capricho. Já que tinha que fazer, fazia direito.

Um colega, sabendo que eu tinha curso de Auxiliar de Comércio e vendo a vida que levava ali, compadecido, sugeriu-me que prestasse as provas para Cabo. Respondi a ele que, infelizmente, o curso era de três meses e faltavam apenas quinze dias para os exames, e não havia como estar ali. Insistindo, ainda, aconselhou-me a assistir o curso como ouvinte. Passei a frequentar as aulas.

Era muito interessante e, como gostava de estudar, li tudo o que pude e que se referia a ele. Fiz a prova e fui promovido a Cabo, em 21º lugar, com a nota 6,90, em 12/06/1941. Fiquei feliz, apesar de me livrar das baias somente no mês de setembro.

Em 24/09/1941 – Ocupei o cargo de Bibliotecário Regimental, 15º lugar, com a nota 7,348. Nessa época era comandante o Coronel Euclides Hermes da Fonseca, que assumiu o cargo em 17/05/1941 e nele permaneceu até 02/02/1942. Candidatei-me a Sargento e fui aprovado.

Minha vida militar corria satisfatoriamente, muito melhor do que o esperado. Faltava-me, no entanto, a música, e para preencher essa lacuna, ingressei no “Coral do Quartel”, onde meus colegas e eu cantávamos acompanhados pela Sra. Margarida Brigato, antiga organista da Igreja Matriz, Nossa Senhora da Candelária.



No dia 25/01/1941, fui promovido a 3º sargento e, em 09/06/2012, fui transferido para o 2º GRUPO DO QUARTO REGIMENTO DE ARTILHARIA MONTADA, e incluído no estado efetivo, como furriel.

Defendi o Brasil na Segunda Guerra Mundial, guardando a costa Norte do país e, por tal feito, ganhei a Grande Honraria que é a Medalha de Guerra.

## SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### A VIAGEM

Nem bem amanhecera o dia e lá estava eu finalizando os últimos preparativos para a viagem. Nada poderia ser esquecido. A viagem era longa. Era 13 de setembro de 1942. Atendendo à ordem superior, embarquei com meus companheiros na Estação de Itu, em uma composição da Estrada de ferro Sorocabana, às 8h20, com destino à São Paulo (Barra Funda).



Deixei minha querida cidade natal, o Quartel de Itu, minha segunda casa, numa manhã ensolarada, com o coração angustiado, pois não sabia o que seria de minha vida, daquele momento em diante. Afinal, estava partindo para a guerra, levando no coração as lágrimas de meus pais e irmãos, e uma despedida que poderia ser para sempre.

Chegamos em São Paulo às 15h30. Ficamos pouco tempo na cidade, pois havia urgência em partir. Às 22h, do mesmo dia, deixei a grande metrópole numa composição da Estrada de Ferro Central do Brasil, rumo ao Rio de Janeiro, juntamente com o segundo grupo do 4º RAM, efetivo de guerra deslocado para defender a costa norte brasileira.

Chegamos ao Rio de Janeiro, no dia seguinte, 14/09/1942, às 16h30, na estação marítima, uma estação de cargas da estrada de Ferro D. Pedro II, que posteriormente recebeu o nome de Estrada de Ferro Central do Brasil.

Fiquei extasiado com a paisagem. Aquela cidade era naturalmente maravilhosa, como sempre ouvira dizer. O imenso mar azul, o céu refletindo seus raios nas águas, as gaivotas voando livres, mulheres lindas desfilando seus corpos desnudos nas praias. Por um instante esqueci que estávamos em guerra, como aquelas pessoas, sentadas na areia pareciam ter se esquecido.

Jamais imaginei sair de Itu, quanto mais ir ao Rio de Janeiro e usufruir daquelas paisagens magníficas, coisa de filme para menino pobre do interior de São Paulo. A realidade, no entanto, acordava-me e jogava-me de volta à guerra.

Permanecemos sob rodas até o dia seguinte, 15/09/1942. Seguindo ordens embarcamos no navio "Almirante Alexandrino", às 9h.



O *Almirante Alexandrino*, anteriormente foi o alemão *Cap Roca*, construído em 1900. Tinha capacidade para transportar 80 passageiros na primeira classe e 500 na terceira. Medida 125,32 m de comprimento. Acervo: L. J. Giraud

No dia 24/09/1942, fui classificado a 2º sargento, em 16º lugar, com 112,392.

Era 04/10/1942. Um dia antes de nossa partida para o Nordeste. Lembro-me bem. Estávamos todos ocupados em nossos afazeres, quando fomos pegos por câmaras filmando nossa rotina. A grande surpresa, no entanto, ficou por conta das nossas ilustres visitas.

Meio envergonhados pelas objetivas, tentávamos proceder naturalmente, quando tivemos a grata surpresa de receber no navio, a Primeira Dama do País, Sra. Darcy Vargas, acompanhada do Ministro da Guerra, que vieram nos receber e dar as boas-vindas. Foi um dia de festa e muita alegria a bordo.

Darcy Vargas fez essa visita como Presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e, como tal, falou oficialmente que ajudaria nossas famílias em tudo o que fosse preciso. Ao mesmo tempo, usou na voz um tom carinhoso e suas palavras nos encorajavam a sermos fortes, a fim de cumprirmos a difícil tarefa que se nos apresentava.

O Ministro da Guerra, acompanhado por altas patentes, passou em revista a tropa e nos dirigiu palavras de incentivo.

Ficamos felizes pela visita, pelas gentilezas da primeira dama, por conhecer o Ministro da Guerra e por ganharmos biscoitos, doces, cigarros e fósforos extras. Presentes da Sra. Darcy Vargas. No dia seguinte, 05/10/1942, nosso navio deixou o porto do Rio de Janeiro, às 8h, escoltado por quatorze navios, com destino à Recife-PE. Ao lado de meus amigos de armas segui para Maceió-AL, a fim de defender a Pátria.

Vocês não imaginam como foi difícil para mim, pobre garoto do interior, que nunca saía dos arredores da cidade, embarcar em um navio que só vira antes em folhinhas e revistas, enfrentando um mar que não conhecia e ainda por cima, indo para a guerra. Era muita coisa para assimilar em tão pouco tempo. Mas a necessidade é a mãe da força. Tomado de coragem, segui.

Essa era uma viagem peculiar, pois dormíamos vestidos com nossos calções (caso fosse necessário pular no mar), ao lado de nossos salva-vidas que ficavam sempre à vista. Era desconfortável, porém imprescindível para nossa segurança frente a um ataque surpresa. Não houve algum, graças a Deus!

Nosso navio, o "Almirante Alexandrino", viajou num comboio formado por quatorze navios que ostentavam as bandeiras do Brasil e Estados Unidos, protegido pelos atentos navios de guerra. Apesar do conflito e do medo dos torpedos alemães, a viagem fora cheia de momentos agradáveis e paisagens bonitas. Muitas tardes lindas, com golfinhos mostrando seus corpos luzidios nas águas e gaiivotas voando livres no céu, aconteceram.

Muitas noites no mar, de luar e estrelas, inigualáveis em beleza, outras, de solidão, tédio, ou ainda frias, cortadas por um vento sibilante que nos levava a lembrar das vítimas inocentes que ali morreram durante o ataque alemão, também existiram.

Eram noites de blecautes. Navegávamos às escuras, obrigados que éramos, a fim de evitar um possível bombardeio, proibidos de fumar ou usar qualquer fonte de luz, pois isso indicaria aos alemães nossa posição, o que significaria morte certa.

Nenhum submarino hostil cruzou nosso caminho, mas o vilão da viagem foi o enjoo marítimo, que aniquilou as forças de grande parte dos soldados, que na tentativa de se livrar do mal que os acometia, usavam limão constantemente, o que de nada adiantava.

Navegamos 07 dias em mar aberto até que, em 12/10/1942, chegamos ao porto de Recife, Estado de Pernambuco, e de lá seguimos para Maceió, onde permanecemos à bordo do navio até o dia 14, quando às 8h30 desembarcamos do navio "Almirante Alexandrino" e embarcamos numa composição da "Great Werstern", com destino à Maceió, estado de Alagoas, onde chegamos na primeira hora do dia seguinte e desembarcamos na Estação de Jaraguá.



A missão da Sétima divisão de Infantaria e da Artilharia Montada, a nossa missão, era defender os portos de Recife e Maceió, vigiar o restante do litoral, prevendo a defesa imediata das praias nos seus pontos de fácil

desembarque, com particular atenção em Porto de Pedras, Cururipe, Pontal de Coruripe, Ponta das Pedras, Itamaracá e Tamandaré. Era nossa obrigação, também, estabelecer a ligação e o entendimento com o Norte na Região de Goiânia, prever a ligação com as forças da sexta Região Militar na Região de Penedo, ao longo do rio São Francisco.

Devíamos precaver-nos quanto aos ataques aéreos ou agentes que viessem pelo ar ou que descessem no Continente, distribuindo-os ou neutralizando-os. Cobia-nos, ainda, precaver-nos contra inimigos internos, reprimindo-os. Assim, o inexperiente Regimento ficou de prontidão, para defender o território brasileiro contra o oponente estrangeiro.

Com o desenrolar da guerra, militares do 2º Grupo do 4º RAM embarcaram para a Itália, integrando a Força Expedicionária Brasileira.

## **A ROTINA NO NORDESTE**

Depois da estafante viagem de navio, o efetivo chegou à cidade de Recife às 12h, cansados, suados, debaixo de um sol escaldante, lá permanecendo à bordo, até o dia seguinte, 14/10/1942. Nem bem o dia amanheceu e já acelerados, preparávamos a nova viagem.

Logo pela manhã, às 8h30, desembarcamos do navio e partimos em uma composição da “Great Western”, rumo à Maceió, estado de Alagoas. O cansaço era visível e nos aniquilava, o calor sufocante. Aquela viagem de trem acabou com o resto de nossas forças. Exaustos, adormecemos. Desembarcamos em Jaraguá, no dia seguinte.

15/10/1942. Uma hora da manhã!

O “black-out” tomava conta da cidade, que parecia adormecida. Andávamos às escuras. Não se ouvia barulho de carros, bondes, pessoas, animais. Nada! Um frio percorreu minha espinha. Parecia que adentrávamos em uma cidade fantasma. Nada escapava à Defesa civil, que incansavelmente procurava pontos de luz que pudessem denunciar a cidade. Consequentemente um negrume nos envolvia e cegava. A única luz que se via era a da lua.

A cidade estava totalmente às escuras. Um negror assustador gelava nossos ossos. Esse era o preço que os nordestinos pagavam para ficarem livres dos alemães em seus ataques aéreos e bombardeios noturnos. Medida de precaução.

A tropa foi reunida e, obedecendo ao comando, seguiu em marcha rápida em direção aos “Armazéns Gerais”, Rua Sá de Albuquerque, 828.

O silêncio ensurdecido era, agora, quebrado pelo barulho ritmado dos saltos de nossas botas, batendo no chão. Um cheiro de suor impregnou o ar. Seguimos calados e apressados, com a sensação de inúmeros olhos nos acompanhando, através das frestas das janelas, e dos buracos das portas. Aos poucos nossos olhos se acostumaram com o escuro e silhuetas de casas, vegetação começaram a surgir, pessoas não.

Chegamos!

O dia amanheceu devolvendo vida à cidade. Tive a impressão de que os moradores não dormiram, na expectativa de nos ver.

Era estranho observar que as moças madrugaram para se enfeitar com suas melhores roupas e perfumes, em nossa homenagem. E que lindas eram! Não fosse a guerra, parecia que tínhamos ido a uma grande festa.

Para os antigos moradores, éramos a segurança; para os jovens e crianças, o exemplo; para as moças, belos forasteiros, possíveis pretendentes, namorados, quem sabe, maridos.

Não havia como negar. A recepção foi calorosa.

## **TREINAMENTO**

Cabe lembrar que estávamos em missão e éramos despreparados para uma guerra. Em nossa bagagem, levávamos teorias e conhecimentos básicos das armas e táticas de ataque. Aprendemos como usá-las, a nos

camuflar, cavar trincheiras, usar armamentos pesados, a condicionar nosso físico para resistir às caminhadas. Aquilo era bem diferente!

Os treinamentos aconteceram, principalmente, no mar. Eu, como a maior parte dos soldados, só conhecia o oceano através dos Atlas geográficos, fotografias e folhinhas. A maioria não sabia nada, o que era pior! Nada, no entanto, impedia os oficiais de obrigar-nos a participar dos treinamentos em alto-mar, e exercitar os serviços de salvamento.

Eu, particularmente, tinha verdadeiro pavor! Acordava apreensivo, porque sabia que teria que pular na água. O receio aumentava, quando recebia a ordem para colocar o salva-vidas de cortiça, acompanhado pelo comando que liberava a baleeira para descer no mar. Isso me lembrava afogamentos e tubarões. Era terrível!



A falta de prática impedia-nos de manejar corretamente os remos, que se enroscavam e travavam a embarcação.

Éramos marinheiros de primeira viagem, que tinham que remar uns quinhentos metros por dia, em obediência às instruções, numa baleeira que deslizava lentamente.

Ninguém era dispensado, porque o treinamento se fazia necessário para o caso de um naufrágio, portanto para nossa sobrevivência.

A ordem era pular no mar e voltar nadando, os mesmos metros da ida e, apesar de cansados, tínhamos que subir as escadas que levavam ao convés. Com o tempo e a prática, aprendemos a nadar, fortalecemos nossos músculos e assimilamos as táticas de salvamento em alto-mar.

O improvável virou rotina.

Com o exercício contínuo, ficamos mais resistentes e até o calor já não incomodava tanto. Treinávamos, incansavelmente, preparando-nos para a luta iminente, pois a qualquer momento poderíamos ser convocados para combater na Itália. Havia racionamento de comida.

Uma grande amizade se estabeleceu entre nós, soldados, e em nossas folgas ríamos, brincávamos, cantávamos, tocávamos, batíamos longos papos, falávamos de nossas famílias e da saudade que invadia nossos corações.

**1942 - Maceió - Al  
Segunda Guerra Mundial**



**1942 - Armazéns Gerais - Maceió - Al  
Soldados da Segunda Guerra Mundial**



**1942 - Soldados que guardaram a Costa Norte  
Brasileira, na Segunda guerra Mundial- Maceió - Al**





Além das bases aeronavais americanas que se instalaram na costa do nordeste, os Estados Unidos enviaram um dirigível para nos proteger e auxiliar, que lembrava uma cidade iluminada no ar. Era lindo de se ver.

Era um balão maleável, inflado por gás hélio, o que o tornava menos propenso a explosões. Servia para observar navios e detectar submarinos inimigos escondidos em nossas águas.

Aquilo era tão fora do contexto do nordeste e de nós, pracinhas, que ficávamos maravilhados.



A guerra seguiu seu curso. As notícias de que partiríamos a qualquer momento, deixava-nos nervosos e apreensivos.

Guardar o litoral Norte, temendo a cada hora um possível ataque alemão, principalmente, porque agora o Brasil já estava totalmente comprometido com a guerra, tirava-nos o sono e a paz de espírito.

Dias e dias, nossos olhos permaneceram fitos no horizonte em busca de sinais inimigos, incontáveis horas de expectativa se sucederam enquanto marchávamos nas orlas das praias, montando nossos postos de observação, embaixo de um sol escaldante que atravessava nossos chapéus de campanha e torrava nossos miolos.

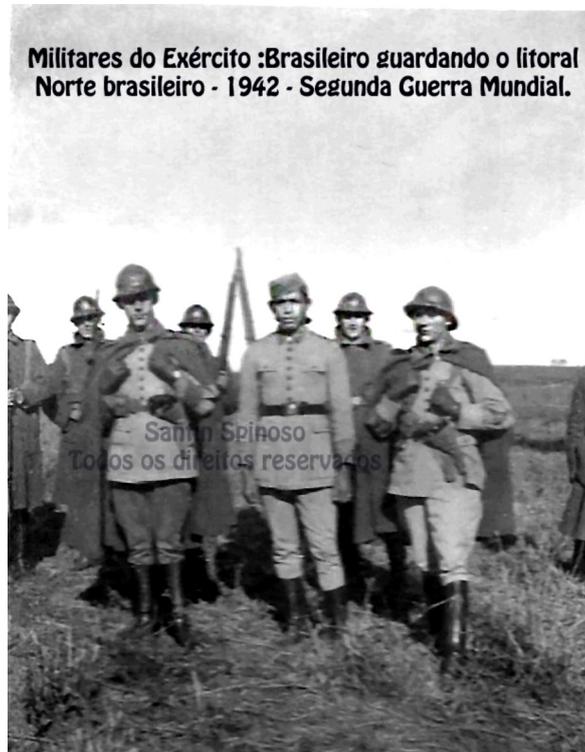
**Militares do 2ºRO105, guardando a costa norte brasileira - 1942**



Por incontáveis noites, pensei em meus amigos dentro dos submarinos, na solidão que sentiam sitiados pela água, nos temores secretos que atormentavam seus espíritos, horas e horas a espreitar incansavelmente as profundezas do mar, em busca de uma nave inimigo.

Fortes que éramos, ainda assim, o medo de morrer ali, numa emboscada rápida e precisa, ou numa terra estranha, longe dos parentes e amigos, afetava-nos profundamente.

**Militares do Exército Brasileiro guardando o litoral Norte brasileiro - 1942 - Segunda Guerra Mundial.**



**Santín Spinoso e amigos guardando a costa norte do Brasil em 1942 - Segunda Guerra**



Meu irmão Luiz, como disse, esteve comigo no Nordeste e, infelizmente, não aguentou a pressão que o cenário de guerra provocava. Sucumbiu.

Não pertencíamos ao mesmo regimento, portanto ficávamos separados, em lugares opostos, o que me impedia de dar todo o amparo que ele precisava no momento difícil que atravessava e que eu, gostaria muito de ter oferecido. Isso me martirizava!

Meu irmão adoecia perante meus olhos e eu não podia fazer nada.

Uma mania de perseguição tomou conta dele. Andava sempre desconfiado, deprimido, em pânico. Dizia-me que era perseguido pelos colegas e que todos, de comum acordo, perguntavam se ele estava doente, insinuando que estava pálido, com febre ou pulso acelerado. Dizia-me que escondiam seus pertences, seu revólver ou coisa importante antes de falsas revistas que marcavam, tomado de um terror interior que me entristecia e assustava. Diante de tudo isso, só poderia concordar com seus colegas: ele estava doente!

Quando o encontrava procurava acalmá-lo, dizendo que nada daquilo estava acontecendo, que era sua imaginação pregando peças, criando estórias, inventando situações, que ele era mais forte que a guerra, um campeão de equitação e de tiro, que precisava reagir para voltar bem para casa.

Havia mesmo o perigo externo, mas era possível controlar nossas emoções.

Luiz sempre foi uma pessoa sensível, acredito que não estava preparado emocionalmente para enfrentar os perigos que uma guerra encerra e o desconhecido que ela reserva.

Luiz não trabalhava bem isso, logo ele, tão dedicado e imbuído de grande amor patriótico, obediente às regras, exemplo para os demais. Nossas conversas de nada adiantavam.

A cada dia, a neurose tomava mais e mais conta dele. Até Cobra, ele dissera que colocaram sob suas cobertas. Pobre irmão!

Quanto mais notícias chegavam dizendo que partiríamos para a Itália, mais doente ele ficava. Nada lhe restituía a confiança. A cada dia a neurose aumentava, tomando conta de sua mente.

Finalmente, em julho de 1944, o primeiro escalão da FEB deixou o Brasil, rumo à zona de fogo, na Itália. Não fomos escalados, o que para ele, foi um enorme bem. Apesar da situação, sentiu-se mais seguro. Com o passar do tempo os blecautes foram suspensos e a vida na cidade voltou ao normal. O perigo existia, mas não na mesma proporção. Isso o acalmava.

Vinte e cinco mil soldados deixaram o Brasil para combater na Itália, cerca quatrocentos morreram lá e três

mil ficaram feridos. Nossos valorosos soldados da FEB capturaram cerca de vinte mil soldados inimigos e ajudaram a tomar Monte Castelo, Turim, Montese e outras cidades.

Grandes feitos de grandes heróis!

## FATALIDADES

Nossa longa permanência no Nordeste registrou diversos e dolorosos acontecimentos, como o torpedeamento do navio "ITAPAGÉ", em águas de Coruripe, onde uma parte do contingente que guardava a costa foi violentamente atacada, ocasionando inúmeros mortos e feridos, na maioria mutilados, lotando todos os hospitais de Maceió.

O tombamento de um caminhão, que transportava pracinhas, causou-nos imensa tristeza, já que dois deles faleceram e os demais ficaram feridos.

O inusitado, no entanto, ocorreu com o 3º Sargento Joaquim de Castro Rodrigues. Em época de partida de Itu, o regimento a que pertencia, deslocar-se-ia para o nordeste, deixando para trás uma das repartições, consideradas importantes para os aquartelados da cidade.

Sabendo que seu nome não constava da lista, solicitou junto ao comandante sua designação, o que lhe foi negado, veementemente, por várias vezes. Movido por aquela força estranha, que nos impulsiona a insistir, a ir, quando tudo nos diz para ficar, lutou e continuou tentando até que foi conseguiu ser nomeado, substituindo um seu colega, dispensado em face de sua qualificação. Assim, seguiu junto com sua unidade para o nordeste.

Em dias de dezembro de 1944, depois dos ataques aos navios, quando tudo parecia beirar à normalidade, o comandante do destacamento locado no norte, recebeu uma carta da família do Sargento Joaquim, acusando-o de omitir informações sobre a morte do filho, com palavras mescladas de mágoa, desespero e dor, quando todos em sua cidade natal sabiam que seu filho querido havia morrido em um acidente.

Estupefato, o comandante mandou chamar o sargento, a quem entregou a carta. Após leitura rápida, apesar de avaliar a dor de sua família, Joaquim ainda encontrou forças para rir do inditoso equívoco.

Pediu ao comandante, pudesse ele desfazer aquela confusão. Joaquim contou aos amigos o sucedido e, sorrindo aliviado, dizia-lhes que em sua terra já estava morto.

Era urgente uma solução para o problema. Escreveria ele, de próprio punho, uma carta à família, para que não restassem dúvidas quando à sua veracidade, já que um telegrama soaria como confirmação do triste fato.

Melhor ainda, resolveu surpreendê-los com uma foto, o que o levou apressadamente a um fotografo. Mediante a urgência do sargento, foi-lhe prometido à entrega dos originais, em dois dias.

Esperando o retrato, aproveitou o tempo para escrever uma bela carta aos seus pais, mostrando-a depois ao comandante e colegas, por se tratar de um caso singular.

Nessa carta, dizia imaginar a extensão de tal boato e o impacto que deve ter causado na família. Explicou-lhes, também, que não mandou um telegrama porque pareceria a confirmação de sua morte.

Dizia-se com saúde, bem, e com coragem para continuar defendendo sua Pátria.

A demora da carta deveu-se ao retrato que enviava junto.

Desejou a todos, particularmente à sua noiva, Boas Festas, comemoradas com dupla alegria: sua morte e ressurreição.

Enviou expressa.

Passaram-se os dias sem novidades, nem carta resposta.

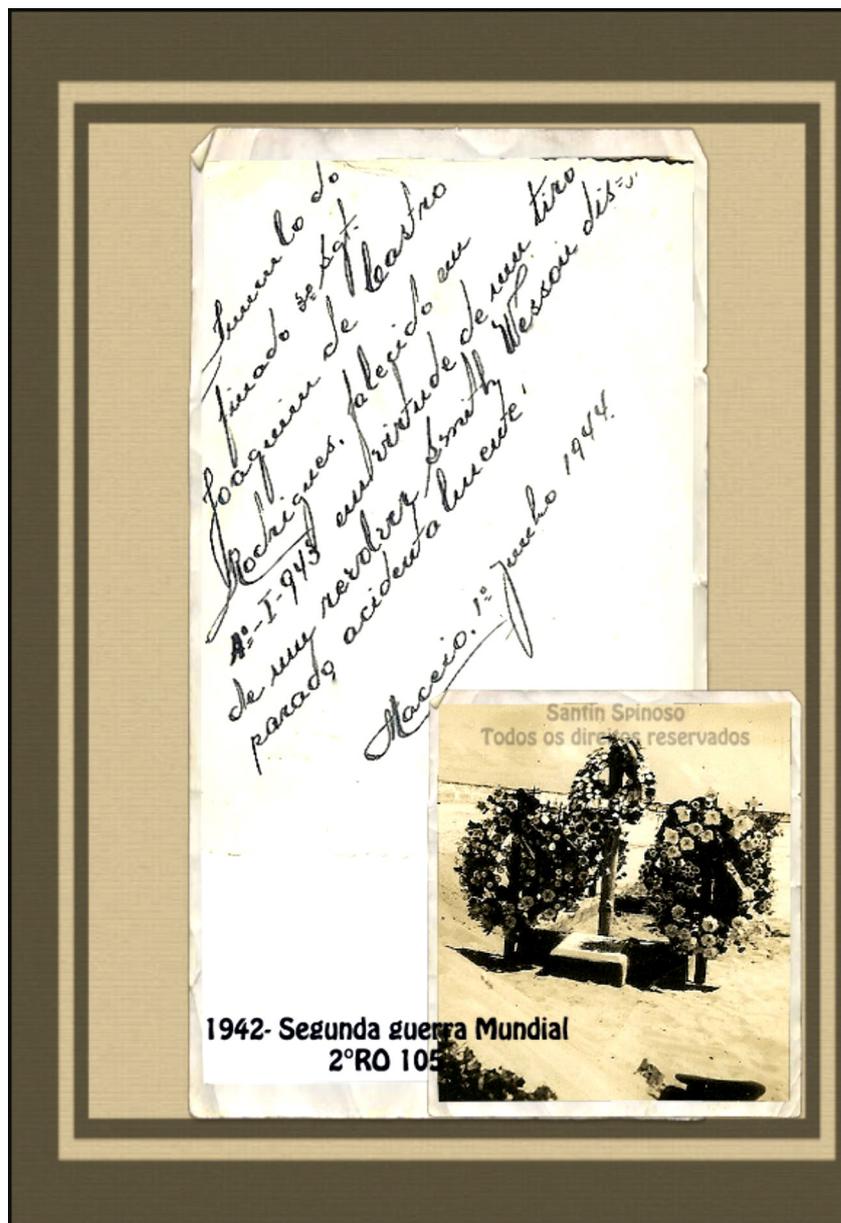
Certa tarde, recostado à grade do bangalô que alugara com amigos e, enquanto apreciava o momento, foi acidentalmente atingido pela bala de um revólver Smith Wesson.

Socorrido prontamente, foi internado num pronto-socorro, onde os médicos tudo fizeram para salvar sua vida.

Joaquim estava em estado crítico, e seu quadro agravava-se a cada momento. Passaram-se os dias vinte e nove e trinta. Na noite de trinta e um, agonizou.

Na virada do ano, enquanto todos festejavam abraçando-se alegremente, inclusive a família Castro Rodrigues, feliz com as notícias da carta, o desditoso soldado exalou seu último suspiro, para nossa tristeza.

Viramos o ano, pesarosos, rezando por sua alma, compadecidos de sua situação. Não havia clima para comemorações!



No primeiro dia de janeiro de 1944, por ironia do destino, enquanto o corpo baixava à sepultura, duas mensagens cruzaram o espaço. A da família de Joaquim, pedindo desculpas ao comandante e a do comandante, desta vez dando a triste notícia à desafortunada família.

Ficamos todos abalados!

## CASAMENTO

Maceió era uma cidade linda, com praias maravilhosas e mulheres bonitas. Enquanto guardava a costa Norte do Brasil, acabei me apaixonando por uma das meninas de lá.

Ela parecia uma pintura, tal era sua beleza! Eu a encontrei algumas vezes passeando com um sobrinho pequeno, de nome Manoel Vasconcellos, apelidado Vêú, mas ela era tímida e não me permitia cortejá-la.



Essa jovem, por ocasião da morte do pai, deixou a cidade natal para morar com sua irmã.

Nosso namoro era sempre supervisionado por Stelina, a irmã, seu marido Emanuel, e nossos passeios eram comunitários.

Em minhas folgas, Marieta (apelido) levava-me a conhecer os pontos turísticos da cidade.

Tomávamos o bondinho no “Relógio Oficial”. Visitávamos vários lugares como o planalto, onde se situava o “Farol”, um dos bairros “chics” da cidade, com vista magnífica. Ponta da Terra, Ponta Verde, cujos coqueirais criavam uma paisagem impar, O “Gogó da Ema”, um enorme coqueiro que tomou a forma dessa ave. Fomos a bairro Mangabeiras, Trapiche da barra, Jaraguá e bebedouro, perto das lagoas de onde os pobres tiravam os “sururus e caranguejos” para seu sustento.

Aprendi a comer sururu com arroz de coco e molho forte; moqueca de peixe, tapioca e mungunzá.

Não podia estar mais apaixonado!

Com as notícias de que a guerra se aproximava do fim, prevendo minha volta, resolvi pedi-la em casamento, o que foi aceito, depois de confirmado pelo sul, que eu era realmente solteiro.

Casei-me em tempo de guerra, quando casamentos eram proibidos.

Sem saber do fato, dei entrada dos papéis para o processo do casamento religioso. Os pregões (lá denominados “banhos”) já corriam quando, querendo marcar a data do Casamento Civil, fui notificado de que os casórios estavam proibidos, até o final da guerra. Meu próprio sobrenome italiano era um empecilho. Fiquei desconcertado!

Tentei, então, obter a autorização do comandante, o que me foi negado.

Sabendo do possível enlace, o próprio comandante procurou o Padre Francisco Brandão Lima, pra proibi-lo, pessoalmente, de realizar tal união. Frente às explicações do padre de que os proclamas já haviam corrido e da impossibilidade de parar o processo, o casamento foi liberado, mas o padre foi proibido, terminantemente, sob pena de ficar preso até o final da guerra, de realizar qualquer outro casamento envolvendo militar.

Assim, meu casamento se realizou na Igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, Matriz de Jaraguá, sita à Avenida Doutor Antonio Gouveia, 507 - Pajuçara, pertencente à Paróquia de Jaraguá, Arquidiocese de Maceió, em 29/07/1944.

Testemunharam nossa união, meu irmão Luiz Nunciato Spinosi, meu cunhado Manoel Aureliano de Vascon-

cellos e sua esposa Stelina Vasconcellos (irmã de minha esposa) e Vascalina Peixoto.

## Paroquia de Nossa Senhora Mãe do Douo

Jaraguá - Maceió - Alagoas

Certifico haver deparado no livro n.º 5, à folha 71, do regist  
de casamentos, nesta paróquia, o termo seguinte:

Aos vinte e nove de julho de mil novecentos e quarente  
e quatro, na Matriz de Jaraguá, em minha presença e dos  
testemunhas Luiz Spinoza Spinoza, Manoel Aureliano da  
Costa, Vasa Lina Peixoto e Estelita Vasconcelos, contra  
iram o vínculo matrimonial e foram por mim abençoa  
dos: Santim Spinoza e Marieta Lúcia Oliveira. Ela  
solteira, com vinte e cinco anos de idade, é filha legítima  
de João Spinoza e de Filomena Grazi, nasceu e se ba  
tizou em Ita, S. Paulo, residente à Avenida Brasil, por  
ta paróquia e cidade. Ela, solteira, com dezesseis anos de  
idade, é filha legítima de Belarmino Peira de Oliveira  
e Maria Rodrigues Oliveira, nasceu e se batizou em  
Santana, do Ipanema, diocese de Recife, residente em  
ta paróquia, à rua do Uruguai, 94. Foi feita a justifi  
cação, registada e firmo Sr. Francisco Brandão Lima, pá  
ro de Jaraguá. Batizou o nome da noiva com o nome de  
Marieta, deve ser lida Maria Lúcia Oliveira. Vale.  
Sr. Francisco Brandão Lima, pároco." - - - - -  
Fada mais continha o referido termo. - - -

Da in fide parochi

Mairiz de Jaraguá, Maceió, 27 de Setembro de 1944.

F. Francisco Brandão Lima  
Pároco

Taxa: —

Ainda em Maceió, nasceu meu primogênito, José Petrucio Spinoza, no dia 05/05/1945.

### FIM DA GUERRA

Finalmente, depois de duras batalhas, a guerra chegou ao fim.

Nossos pracinhas, heróis brasileiros, foram para a Itália, lutaram e vingaram as mortes dos inocentes tripulantes, de nossos pacíficos navios, que foram barbaramente torpedeados e postos a pique pelos nazistas, em nossos mares.

Depois de tantas tristezas e mortes prematuras, finalmente o crepe de nossa bandeira foi tirado e o país pode respirar em paz.

Meu respeito aos meus colegas da FEB, por sua coragem, sangue frio e garra, frente às sangrentas batalhas travadas no estrangeiro.

Infelizmente, muitos colegas de armas perderam suas vidas nas batalhas, e hoje descansam no Cemitério Brasileiro de Pistóia.

### **DE VOLTA PARA CASA**

07 de junho de 1945.

Com a Pátria em segurança, já não se fazia necessária nossa presença no norte do país. Cumprimos patrioticamente a missão em defesa de nosso território e urgia voltar para nossos lares e famílias, saudosos que estávamos.

Graças a Deus, os dias amargos se tornaram passado e por determinação superior, o efetivo do 2º grupo do 4ºRAM, formado por 300 homens, embarcou no navio “Almirante Jaceguay”, do Loyd Brasileiro, rumo ao sul.

A alegria invadiu nossas almas e uma sensação de dever cumprido, num misto de alívio e liberdade, nos envolveu.

No peito o sentimento de orgulho, por ter honrado o sangue derramado pelos irmãos de farda.

Às dez horas, meu grupo e eu, nos deslocamos de nossa sede provisória em Maceió, para embarcar no navio que nos traria ao sul.

Um momento de alegria e tristeza, pois deixaríamos para trás amigos que fizemos e que provavelmente nunca mais veríamos.

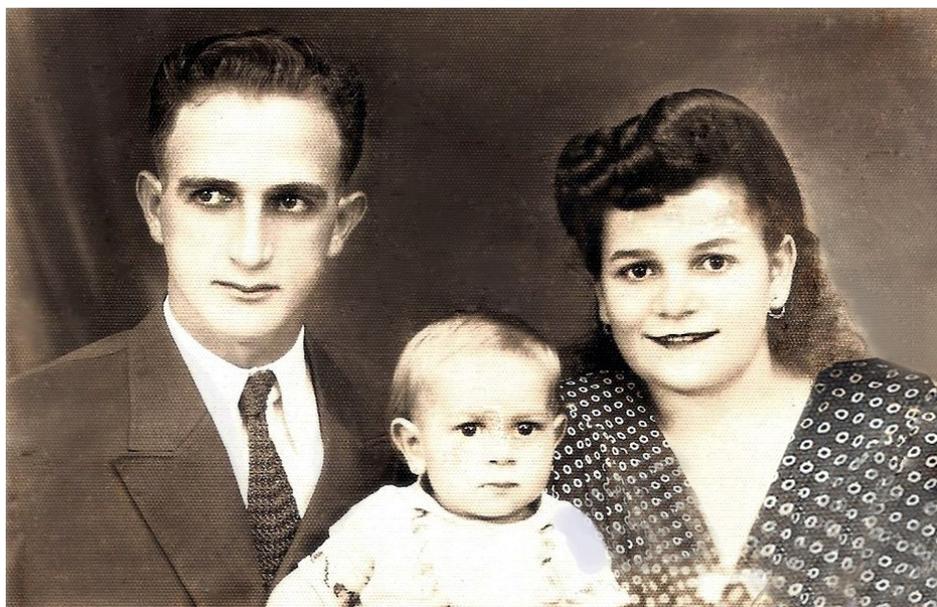
Depois das tristes despedidas no porto, o navio zarpou.

### **CURIOSIDADE**

#### **MINHA ESPOSA E FILHO, A BORDO DO NAVIO DE GUERRA—ÚNICOS PASSAGEIROS CIVIS**

Como disse, me casei em Maceió e, por uma deferência especial do comando, minha esposa, Maria Vieira de Oliveira e meu filho, José Petrucio Spinoso, tiveram permissão para embarcar comigo no navio de guerra.

Ela era a única mulher a bordo e meu filho, o mais novo tripulante. Foi triste vê-la despedir-se de sua família e da terra natal que tanto amava, mas a vida tinha que seguir seu curso.



O grande vaso de guerra foi se afastando do porto, levando suas baleeiras, um barco grande para socorro, cruzadores, destróieres nas laterais para proteção, e um caça minas, para o caso de submarinos alemães ainda em águas brasileiras.

Carregava consigo a tripulação e todo material bélico usado no Nordeste.

Desta vez, viajei de primeira classe, graças às minhas promoções,

Como oficial tive direito a uma cabine que me servia de quarto, a freqüentar a sala nobre, o salão de almoço e jogos, a piscina e a sala de música.



Os dias se arrastavam no mar. A Bandeira do Brasil tremulava ao vento. Depois do cansaço, a monotonia que nos consumia, foi quebrada por um funeral no mar.

A um sinal do comando, depois do ritual religioso, o corpo, envolto em saco e preso nele por cordas, baixou sepultura no mar, depois de deslizar por uma prancha.

Silêncio profundo, quebrado somente pelo baque do corpo nas águas.

Impressionantemente perturbador!

A vida fervilhava no navio e os militares mantinham seu ritmo.

No dia 13/06/1945, um dia antes de nosso desembarque no Porto de Santos, recebi, com a autorização do Senhor Coronel Otávio Monteiro Aché, Comandante da Primeira Brigada de Infantaria e guarnição de Maceió, um elogio que muito me honrou, pela forma como me conduzi na guarnição de Maceió, como praça disciplinado e bem instruída, contribuindo assim, para que o grupo se tornasse credor da estima e consideração de todos e pudesse ser apresentado e apontado como exemplo de tropa preparada e disciplinada (individual).

14/06/1945, depois de uma semana em alto-mar, chegamos ao Porto de Santos, às 9h, e permanecemos a bordo, até segunda ordem.

Dois dias depois (16/06/1945), às 6h30, deixamos a cidade em uma composição da Estrada de Ferro São Paulo - Rio, que expelindo muita fumaça, envolvia a natureza. Não víamos nada!

A máquina subia a serra com muita dificuldade, puxada por um cabo de aço que a auxiliava na escalada.

Um calor insuportável nos envolvia, e meu filho José ficou cheio de brotoejas.

Depois de quatro horas, chegamos a Jundiá (10h30).

Ajudei meu irmão com seus pertences, pois ele continuava abalado; minha esposa e filho. Almoçamos.

De lá, seguimos para Itu, pela Estrada de Ferro Sorocabana, chegando a nosso destino às 15h20. Seguimos em marcha rápida, da estação para o quartel.

Fomos recebidos com muita alegria pelos cidadãos ituanos.

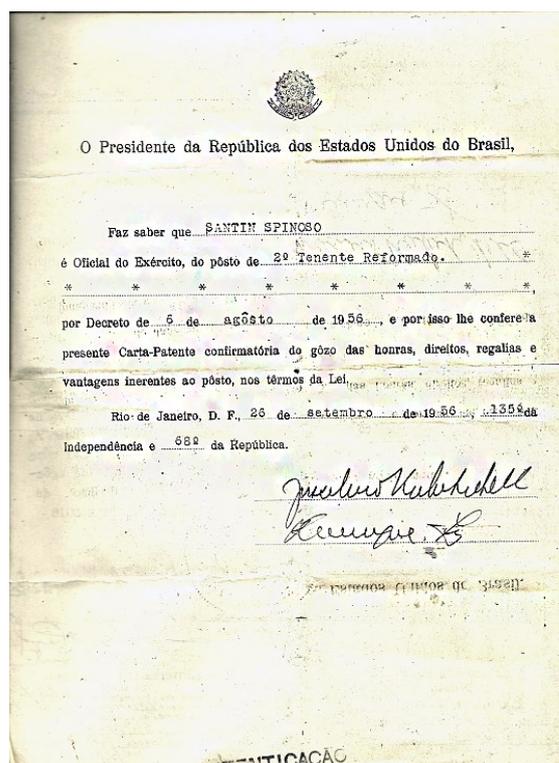
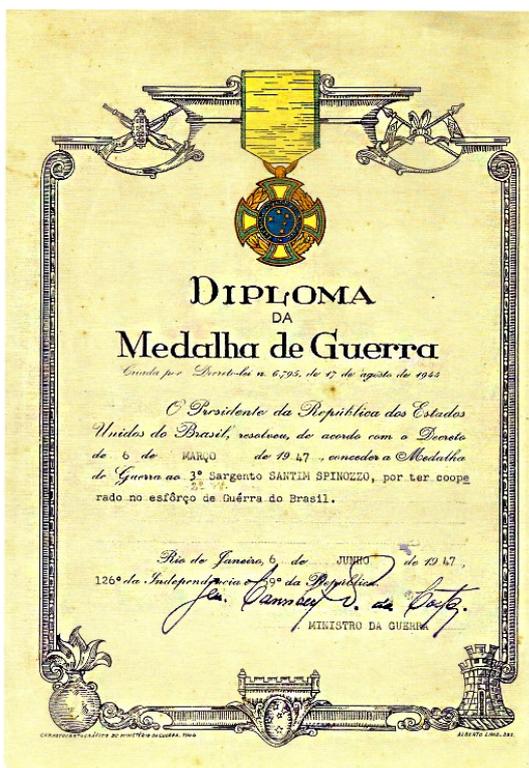
Minha casa ficava no meio do percurso, minha família nos esperava e cercando-nos, impediram-nos de continuar. Meu irmão, meu filho, minha esposa e eu, acabamos ficando por ali, em meio aos abraços e alegrias da família.

Quatro meses depois do fim da guerra, já instalados na cidade, nos casamos no civil, em 20/10/1945, tendo como testemunhas Liberale Polisel e Sylvio Polisel.

## VOLTANDO À ANTIGA ROTINA

Retomamos nossos postos. Fui incluído no efetivo do 4º RAM, , no dia 21/06/1945, sendo reengajado no dia 07/08/1945, passando a pertencer ao 2ºRo105, em 05/02/1947, na bateria de serviços do 3º grupo, como Furriel.

Em 03 abril de 1947 foi-me concedida a MEDALHA DE GUERRA, pelos serviços prestados á minha pátria, como integrante da Força Expedicionária Brasileira. O Diploma foi outorgado em 06/06/1947, tendo eu recebido essa honraria no dia 23/09/1949.



Minha Carta-Patente foi assinada no dia 26/0/1956.

31/07/1947 apresentei-me para curso no Centro de Preparação de Oficiais da reserva, retornando à minha base 27/02/1948, aprovado em 15º lugar, numa turma de 29 candidatos.

No dia 25 de Dezembro 1948 fui classificado em 20º lugar com 161pts. Para promoção á 1º Sargento. e em 25 de março, fui classificado em 40º lugar para promoção à 1º Sargento, na 2a. região Militar.

## INVALIDEZ—A MARCA DA GUERRA EM MIM

Assim fui vivendo minha vida no regimento, entre cursos, trabalhos e promoções.

Como disse, meu irmão, Sargento Luis Nunciato Spinosi, sofreu neurose de guerra, irreversível, e passou o resto de seus dias dependendo de outras pessoas.

Ficou perturbado, confuso, calado, reagindo às conversas somente quando estimulado.

Vivia isolado em seu mundo particular. Para ele, os traumas foram tão grandes que seu cérebro não conse-

guiu absorver e processar. Morreu em virtude de um câncer de intestino e encontra-se enterrado no Cemitério Municipal de Itu - SP.

Infelizmente, a guerra deixou sua marca em mim.

Com o treinamento no mar, com os estampidos das armas em terra, fui perdendo a audição de forma gradativa.

A princípio de uma forma imperceptível aos olhos menos atentos, até que minha seqüela física ficou gritante, e enviaram-me para uma inspeção de saúde, no dia 07/08/1950.

Fui inspecionado pela Junta Militar de Saúde do Quartel General da Segunda Região Militar, regressando à minha unidade no dia 09/08/1951.

Percebendo o fim de minha carreira, requeri do Excelentíssimo Senhor General Comandante da Segunda Região Militar, legislação de Tempo de Serviço prestado no período de 1º/11/1943 à 02/08/1945, o que foi considerado legal.

O laudo médico, da Junta Militar, não poderia ter sido pior.

Fui julgado definitivamente incapaz para o serviço militar, mas capaz de prover meu próprio sustento, sendo na mesma data excluído do estado efetivo do Regimento, porque recorri em Junta Superior de Saúde.

Infelizmente, não consegui a reforma de imediato, porque os dez anos necessários para minha reforma, estavam incompletos, faltando apenas alguns meses para atingir minha meta.

Embora tudo fizesse para evitar minha dispensa, fui posto fora do quartel, surdo e com família para criar, sem direito algum.

Um erro comum de contagem me colocou fora do exército, apesar de meus plenos direitos, pois servi em tempo de guerra no Nordeste, o que conta dobrado o tempo de serviço prestado, como me foi averbado o direito.

Assim, tinha pelo menos mais seis anos acrescidos em minha folha de trabalho, o que ultrapassava em muito o necessário para a reforma.

Continuei lutando e requerendo.

### **ABANDONADO À PRÓPRIA SORTE**

Se eu não era apto para trabalhar no quartel, como seria capaz de trabalhar em qualquer outro lugar?

Dei a triste notícia para minha esposa. Ficamos desorientados, procurando saídas, abandonados à própria sorte.

Bati em incontáveis portas, que se fecharam para mim.

Naquele tempo não existia essa história de inclusão, que graças a Deus coloca no mercado de trabalho pessoas com deficiências físicas.

Quem contrataria um surdo? Nem com todo o conhecimento e experiência adquiridos, conseguiria uma colocação.

O tempo passava e a situação tornava-se crítica.

Eu fazia qualquer tipo de trabalho, qualquer coisa que me desse uns trocados para alimentar meus quatro filhos pequeninos e minha mulher grávida.

Confesso com tristeza, que certo dia minha esposa desmaiou de fome, porque vendo o minguaado alimento que tínhamos, não comia sua parte para deixar para as crianças.

Tempos difíceis aqueles! Fiquei esquelético! Doente!

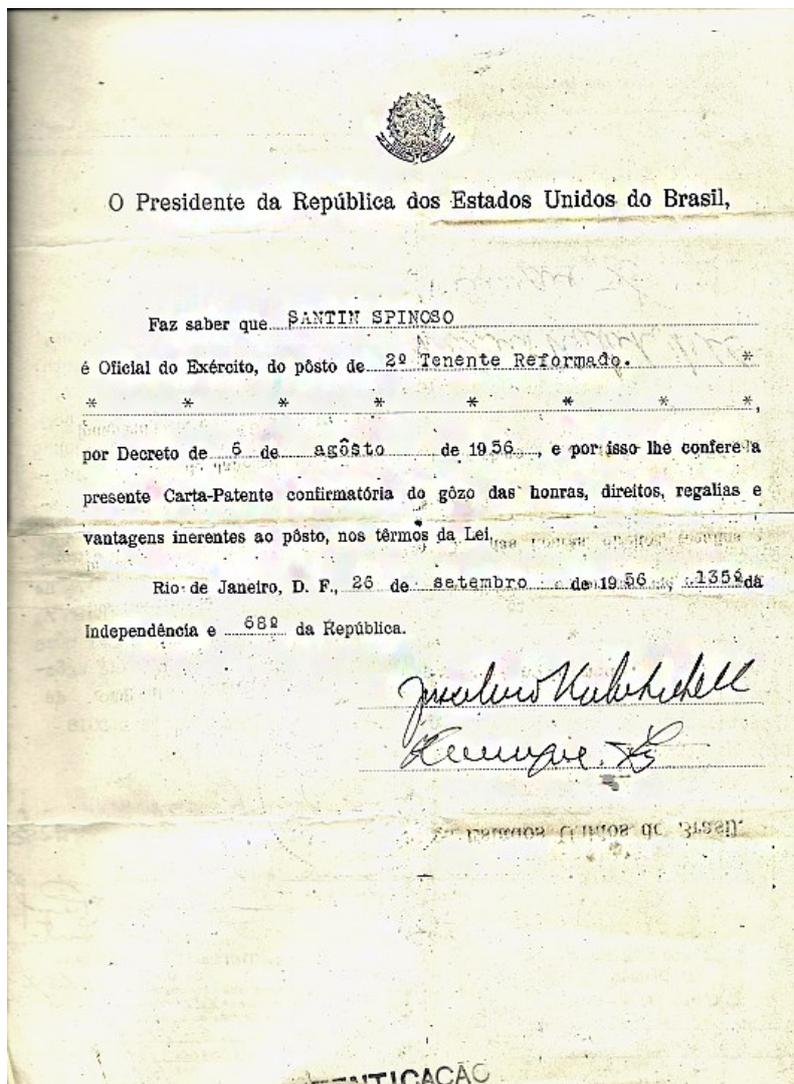
Não me envergonho de dizer que minha família e eu vivemos extremas necessidades e que sobrevivemos das doações de amigos; de um caldeirão de sopa escolar que uma “santa cozinheira”, do Grupo escolar Dr. Cesário Motta, nos dava todos os dias; do leite e remédios fornecidos pelos postos de saúde da cidade.

Continuamos a viver da caridade alheia e da fé que sempre norteou nossas vidas. Tudo daria certo!

A máquina administrativa era lenta. Os dias se arrastavam pendurados nas horas que não passavam, embalados nos tênues minutos de esperanças em dias melhores.

Felizmente, depois de um ano de luta contra a vida e as adversidades, fui reformado como 2º Tenente do Exército Brasileiro, de quem muito me orgulho.

Minha Carta-Patente foi assinada no dia 26/0/1956.



Recebi todos os pagamentos atrasados, com todos os meus direitos e, finalmente pude recomeçar e dar uma vida digna aos meus queridos filhos e à minha amada esposa, meu alicerce nessas duras horas incertas.

À você adorada esposa Mara Vieira de Oliveira, minha Marieta, todo o meu amor e reconhecimento pela guerra travada comigo, não contra um inimigo estrangeiro, mas contra as ciladas que a vida nos preparou.

Sou 2º tenente Reformado do Exército Brasileiro, Ex-combatente, com muita honra!

### **ELOGIOS RECEBIDOS DURANTE SUA CARREIRA MILITAR**

**03/01/1941** - Incorporação no Exército

**21/01/1942** - Elogio aprovado pelo Comandante do Regimento, dado pelo Sr. comandante da subunidade.

**“o cabo Santin Spinoso, por ser trabalhador, dedicado, cumpridor de seus deveres, é ótimo auxiliar na parte administrativa.”**

**09/01/1943** - Elogio recebido do Senhor Comandante da Guarnição, ao passar o comando d mesma para o

Sr. General Dermeval Fonseca:

***“Pela nítida compreensão de seus deveres demonstrada durante o meu comando, agradeço-lhe os bons serviços prestados durante o mesmo, sempre com dedicação e boa vontade”***

**13/10/1943** - Elogio recebido do Excelentíssimo Senhor General de Brigada, comandante da Sétima Divisão de Infantaria:

**“Ao deixar o Comando, não posso esquecer os leais e dedicados serviços prestados por todos os que serviram comigo, numa fase difícil e trabalhosa de inquietação e responsabilidades.”**

**09/03/1944** - Elogio recebido do Comandante da Secção extranumerária:

***“... pelo esforço pessoal, entusiasmo e amor à subunidade, demonstrados na conquista da colocação em segundo lugar dessa Secção Extranumerária, nas competições esportivas internas realizadas nos dias 02/03/04 do corrente mês (Individual).”***

**05/09/1944** - Elogio recebido do Senhor Capitão comandante da Secção Extranumerária:

***“... pelas reiteradas provas de eficiência colaboração prestada no comando desta subunidade, cada um no âmbito dos seus encargos funcionais, durante o tempo em que exerceu o comando da Primeira Brigada e guarnição de Macei, o Senhor Coronel Nelson Bandeira Moreira. (Individual)”***

**11/09/1944** - Elogiado pelo Senhor Capitão Eduardo da Silva Barros:

***“... pelas suas qualidades de trabalhador incansável, espírito de ordem e boa vontade ao par de uma fina educação civil e militar (Individual)”***

**20/02/1945** - Foi elogiado pelo Senhor 2º Tenente da Reserva de primeira linha convocado, Antonio Accioli Motta:

***“ Elogio o 3º Sargento número três, Santin Spinoso, pela boa vontade, amor ao trabalho e cooperação demonstrada no desempenho de suas funções de Subtenente e furriel, apresentando sempre a escrituração em ordem e em dia, trabalhando para tal fim, mesmo fora das horas normais de expediente, mostrando assim, ser digno de confiança e acatamento de seus superiores.” ( Individual)***

**10/04/1945** - Elogiado pelo comandante da Seção Extranumerária:

***“ O 3º Sargento Santin Spinoso, desempenhou durante cinco meses, cumulativamente com as funções de subtenente e furriel desta unidade, neste espaço de tempo, dos mais trabalhosos, por ser época de encerramento de todas as escriturações, o Sargento Spinoso desdobrou-se incansavelmente para apresentar em ordem em dia, todos os encargos que lhe estavam afetos. Ao voltar às suas funções normais, justo é que o elogie, pelas provas de dedicação ao trabalho e pela exata noção do cumprimento do dever demonstrado durante ufanoso período.” (Individual)***

**11/05/1945** - Louvado pelo Comandante do grupo, autorizado pelo Senhor Comandante da Artilharia Divisória da Sétima Região Militar:

***“... pela ação desenvolvida na esfera de suas atribuições, conduzindo-se com lealdade e nítida compreensão de seus deveres militares, referentes não só à instrução, como à disciplina”***

**26/05/1945** - foi elogiado pelo Senhor Comandante da Secção Extranumerária, ao deixar o Comando da mesma:

***“... Pelo concurso consciente que prestou, trabalhando com firmeza, aptidão e noção de seus deveres.” (Individual)***

**13/06/1945** - Autorizado pelo Senhor Coronel Otávio Monteiro Ache, Comandante da Primeira Brigada de Infantaria e Guarnição de Maceió, foi louvado pelo Sr. Comandante do grupo:

***“... pela forma por que se conduziu na guarnição de Maceió, como praça disciplinada e bem instruída, contribuindo assim, para que o grupo se tornasse credor da estima e consideração de todos e pudesse ser apresentado e apontado como exemplo de tropa preparada e disciplinada” (Individual)***

Feito perante toda a tropa, dentro do navio de retorno.

**26/06/1945** - Elogiado pelo comandante do grupo:

***“... Pelos inestimáveis serviços prestados, contribuindo assim para que o invejável conceito de que sempre gozou na unidade se mantivesse e se conservasse no devido lugar “ (Individual)”***

**20/07/1945** – Elogiado pelo Comandante do grupo, autorizado pelo Sr. Coronel Wolfgrand, Pinheiro Cruz, Comandante da Sétima divisão de Infantaria Especial:

*“... pela dedicação, boa conduta e disciplina que revelou durante o comando daquela autoridade”.*

**17/09/1945** – Foi elogiado pelo Senhor Major Newton Brayner Nunes da Silva, comandante do segundo grupo:

*“...pelo esforço de que despendeu na esfera de suas atribuições, concorrendo assim para que o grupo atingisse pleno êxito nos trabalhos de escola de fogo e tiro do Grupo, como coroamento do terceiro período do ano de instrução findo” (Individual)*

**20/12/1945** – Elogiado pelo Senhor 1º tenente José Ribamar Miranda, Comandante da Secção extranumerária:

*“... pela dedicação e serenidade de espírito com que se apresentou durante os acontecimentos políticos do dia 29 de outubro findo” (Individual).*

**23/07/1946** – Foi elogiado pelo Senhor Tenente Coronel Newton Brayner Nunes da Silva, ao deixar o comando do grupo:

*“... O 3º Sargento Santin Spinoso, elogio-o pela eficiente colaboração prestada no setor de sua atribuição, onde se revelou ótimo auxiliar do comando, concorrendo assim, com sua dedicação, para que a unidade atingisse e mantivesse o alto grau de conceito na instrução, disciplina e administração de que é portadora atualmente”. (Individual)*

**14/05/1947** – Elogiado pelo Sr. Tenente Coronel Aníbal Brayner Nunes da Silva, ao deixar o comando interino do regimento:

*“... ao deixar o comando interino deste Regimento, exercido cerca de seis meses, quero, e cm justo prazer, salientar a magnífica colaboração que me foi prestada durante esse período, por todos quantos trabalham nesta unidade. Oficiais e praças, cada qual na esfera de suas atribuições, souberam sempre e exuberantemente demonstrar grande dedicação e zelo, no cumprimento de seus deveres. Por esse motivo, ao fazer a entrega do comando do Segundo Regimento de Obuzes Cento e Cinco ao Sr. Coronel Euclides Sarmento, deixo aqui consignado o meu reconhecido agradecimento e votos sinceros para que, com a mesma lealdade e entusiasmo, continuem a dispensar ao nosso novo e digno comandante, tão valiosa cooperação.” (Individual)*

**30/06/1947** – foi elogiado pelo Primeiro Tenente José Ribamar Teixeira de Miranda, ao deixar o comando da bateria:

*“O Terceiro Sargento Santin Spinoso, pela maneira correta com que sempre se conduziu na Bateria e pelo elevado espírito de disciplina que evidenciou durante o meu comando.” (Individual)*

**06/10/1947** – Elogios feitos pelo Segundo Tenente Raymundo Maximiano Negrão torres, comandante da Bateria de Serviços:

*“Elogio-o pela correção com que se conduz, facilitando assim boa apresentação da Bateria”. (Individual)*

**1º/06/1948** - Foi Elogiado pelo Senhor coronel Euclides Sarmento, comandante do regimento:

*“... pela cooperação nas atividades e no abrilhantamento dos festejos de inauguração da nova denominação de ‘Regimento Deodoro’, dada a esta unidade”. (Coletivo)*

**04/03/1949** – foi elogiado pelo comandante da Bateria de Serviços do Segundo grupos:

*“ O Segundo Sargento Santin Spinoso, pelos relevantes serviços prestados a este comando, na esfera de suas atribuições, demonstrando sempre um alto espírito de compreensão de seus deveres. Educado, disciplinado e correto, muito tem concorrido para que a Bateria mantenha um padrão de vida exemplar e agradável. É com grande satisfação que esse Comando agradece a colaboração de tão digno elemento.” (Individual)*

**25/06/1949** - Elogiado pelo Tenente coronel Annibal Brayner Nunes da Silva:

*“Louvo-o pelo esforço e dedicação e cooperação que deu durante o meu comando Interino” (Coletivo)*

**03/06/1949** – foi elogiado pelo Senhor Capitão Carlos Alves da cunha, ao deixar o comando da Bateria:

*“ Ao Segundo Sargento Santin Spinoso, pela prestimosa colaboração e assiduidade ao trabalho e profi-*

*ciência demonstrada na esfera de suas atribuições. Inteligente, educado e humilde, possui elevadas qualidades morais. Dedicado aos seus afazeres, sempre se desincumbe com acerto e do melhor modo possível, das tarefas que lhe são impostas. É o Sargento Spinoso auxiliar muito eficiente.” (Individual)*

**08/03/1950** - Elogiado pelo Senhor Comandante da Bateria:

*“Louvo o Segundo Sargento Santin Spinoso, pelos bons serviços que presta à Bateria, principalmente no tocante à furrielança, onde o trabalho do Segundo sargento Santin Spinoso é digno de ser visto pelos seus superiores devido ao capricho e limpeza da documentação atinente à sua função. Disciplinado, leal e honesto.” (Individual)*

**05/05/1950** – Elogiado pelo Senhor comandante da bateria de Serviços do segundo Grupo, nos seguintes termos:

*“Segundo Sargento Santin Spinoso. Em virtude do novo efetivo atribuído ao Regimento, foi transferido para a Bateria Comando do Regimento, deixando em consequência, suas atividades nessa subunidade. Incorporado em fevereiro de Hum Mil novecentos e quarenta e um, na antiga Secção Extranumerária do Segundo Grupo do Quarto Regimento de Artilharia Montada, desde então acompanhou aquela subunidade, não só na sua dura jornada pelo nordeste brasileiro, como também na transformação que sofreu vindo a constituir hoje a atual Bateria de Serviços do Segundo Grupo. Em seus nove anos de Serviço Militar Sargento Santin Spinoso deu sempre sobejas provas de sacrifício, consciente disciplina, iniciativa e grande amor ao trabalho, conforme se desprende da leitura de seus assentamentos. Pelas virtudes acima, aliada à profunda honestidade e educação civil e militar, tornou-se um prestimoso auxiliar deste Comando, na administração da Bateria, que vê com prazer seu afastamento. Pelos motivos expostos, consigno aqui meus agradecimentos a tão eficiente auxiliar, que por seus dotes soube granjear a consideração de seus superiores, estima de seus pares e respeito de seus subordinados, ao mesmo tempo que felicito a Bateria Comando Regimento, pela aquisição de tão útil elemento, que, tenho certeza, continuará trilhando o caminho do bem e cultivando, com carinho, todas as virtudes militares.” (Individual)*

**08/05/1950** – Elogiado pelo Senhor Coronel José de Souza Carvalho, Comandante Interino da Artilharia divisionária da Segunda Região Militar:

*“ Externo aos Sargentos do Regimento Deodoro as felicitações do comandante da Artilharia Divisionária da Segunda Região Militar por tão auspicioso resultado alcançado na verificação das instruções concernentes ao período de adaptação.”(Coletivo)*

## SEGUNDA GUERRA - ROTEIRO VIAGEM

### ITU - MACEIÓ/AL

**13/09/1942** \_ Partida da cidade de Itu às 8h20, em uma composição da Estrada de Ferro Sorocabana, com destino à São Paulo (Barra funda), chegando às 15h30.

22h – Partida pela Estrada de Ferro Central do Brasil, destino Rio de Janeiro.

**14/09/1942** – Chegada ao Rio de Janeiro, na Estação Marítima, às 16h30, permanecendo sob rodas, até o dia seguinte.

**15/09/1942 - Embarque** no navio “Almirante Alexandrino”, destino Nordeste.

**04/10/1942** - Visita da Primeira Dama, Sra. Darcy Vargas e do Ministro da Guerra, aos soldados, no navio Almirante Alexandrino.

**05/10/1942** – Partida do Rio de Janeiro em um comboio de 14 navios, às 8h.

**12/10/1942** – Chegada ao Porto de Recife (PE), às 12 h.

**14/10/1942** – Desembarque do navio “Almirante Alexandrino”, às 8h30 e embarque em composição da Great Western à Maceió.

**15/10/1942** – Desembarque em Jaraguá, à 1h, e alojamento no Edifício “Armazéns Gerais”, Rua Sá de Albuquerque, 828.

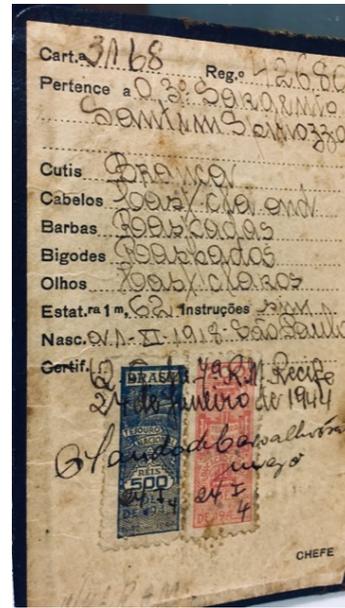
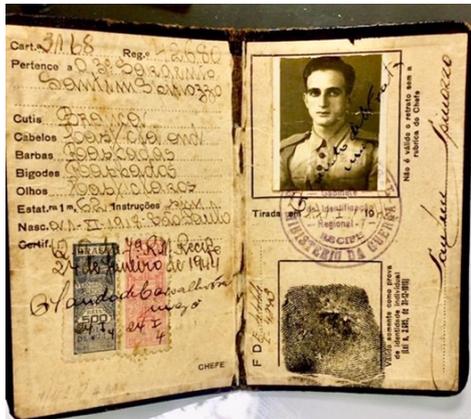
## REGRESSO DA GUERRA—MACEIÓ / ITU - S.P

**07/06/1945** – Saem da sede, provisória, às 10h, e embarcam no navio "Almirante Jaceguay", do Loyd Brasileiro, rumo Sul do país.

**14/06/1945** – Chegada ao Porto de Santos, às 9h, permanecendo a bordo, aguardando ordens.

**16/06/1945** – Partida de Santos às 6h30, pela Estrada de Ferro Sorocabana, São Paulo - Rio. Desembarque às 10h30, em Jundiá. Almoço

Partida em uma composição da Estrada de Ferro Sorocabana, chegando em Itu - SP, às 15h20. Seguem em marcha rápida pela cidade até o quartel.



SANTIN SPINOSO